

BLOG: REDE SOCIAL PARA EDUCAÇÃO COMPARTILHADA E CRIATIVA

BLOG: SOCIAL NETWORK FOR SHARED AND CREATIVE EDUCATION

BLOG: RED SOCIAL PARA LA EDUCACIÓN COMPARTIDA Y CREATIVA

Cláudia Coelho Hardagh

Doutora em Educação – PUC-SP. Docente visitante da UAB-UNIFES

Orcid.org/0000-0002-2275-7421

E-mail: hardagh@gmail.com

Ingrid Baquit Correia

Doutoranda Universidade Presbiteriana Mackenzie

Orcid.org/0000-0001-8475-208X

E-mail: ingridbaquit@gmail.com

RESUMO

Este artigo é parte de um estudo sobre o *blog*, rede social digital, criada como espaço aberto, democrático e habitado por público e conteúdo diversificado. Apresentaremos o *blog* como território construído para fins educacionais — plataforma de conteúdo, rede de compartilhamento de conhecimento e discussão, ou seja, como território expandido da escola. O objetivo dessa pesquisa é averiguar a importância do *blog* educacional como rede de conhecimento compartilhado (LÉVY, 1999), lugar de construção da identidade, de conexão do indivíduo com a comunidade, e meio ideal para possibilitar o empoderamento feminino desde a idade escolar. Fundamentamos o *blog* como artefato para educação social, de criação colaborativa de conteúdo, de oportunidade de formação de comunidades com objetivos comuns e democratização de ideias.

Palavras-chave: *Blog*. Educação social; Criação colaborativa; Empoderamento feminino.

ABSTRACT

This article is part of the study about *blog*, digital social network, created as open space, democratic and populated by public and diverse content. We will present *blog* as a territory built for educational purposes — content platform, sharing network for knowledge and discussion, i.e., as an expanded school territory. The aim of this research is to investigate the importance of the educational *Blog* as a shared knowledge network (LÉVY, 1999), a place for identity construction, connecting the individual with the community, and an ideal way to enable female empowerment since school age. We founded *blog* as an artifact for social education, collaborative content creation and an opportunity for e communities' formation with common goals and democratizing ideas.

Keywords: *Blog*. Social education; Collaborative creation; Female empowerment.

RESUMEN

Este artículo es parte de un estudio sobre el *blog*, red social digital creada como espacio abierto, democrático y frecuentado por público y contenido diverso. Presentaremos el *blog* como territorio construido con fines educativos — plataforma de contenido, red de intercambio de conocimiento y discusión, es decir, como ambiente ampliado de la escuela. El objetivo de esta investigación es investigar la importancia del *blog* educacional como red de conocimiento compartido (LÉVY, 1999), lugar para la construcción de la identidad y de conexión del individuo con la comunidad, medio ideal para permitir el empoderamiento femenino desde la edad escolar.

Proponemos el *blog* como artefacto para la educación social, de creación colaborativa de contenido, y de oportunidad para formación de comunidades con objetivos comunes y democratización de ideas.

Palabras-clave: *Blog*. Educación social; Creación colaborativa; Empoderamiento femenino.

INTRODUÇÃO

O artigo apresenta o *blog* como rede social — virtual e educacional — criada para a troca de conhecimento e interação democrática entre os atores da escola e da comunidade, por ser artefato aberto e de fácil manuseio — o que facilita a adesão dos professores de educação básica e dos educadores fora do contexto escolar, no âmbito da Escola Expandida.

A pesquisa concebe o *blog* como zona virtual voltada para a educação social, por isso não é somente ambiente de subjetividade, mas de construção da identidade social feminina que se dá no processo de reflexão e aprendizado durante a troca de experiências. Ou seja, se trata do netativismo¹ relacionado com temas do currículo escolar, assim como com temas emergentes na sociedade do século XXI, como o “empoderamento” (FREIRE & SHOR, 1986) feminino, ou atividades voltadas a grupos excluídos que formam redes para buscar solucionar seus problemas. Para exemplificar essa questão, apresentamos dois projetos que utilizam o *blog* para disseminar conhecimento e empoderar as meninas com relação aos direitos das mulheres.

Com foco no tema **empoderamento** feminino e tendo o *blog* como lugar de construção de identidade, de conexão, interação e expansão da escola, levantamos algumas questões que nos nortearam para este ensaio. Podem esses casos auxiliar-nos a repensar os espaços da escola, da Escola Expandida? Como motivar as alunas a entender seu papel na sociedade contemporânea? Como a noção de empoderamento, como processo de conscientização na educação, contribui de maneira destacada na formação cidadã plena e emancipada de seus sujeitos?

As controvérsias quanto ao uso de conteúdos nas redes sociais por empresas não serão consideradas neste artigo; sabemos que isso ocorre, no entanto trataremos a inteligência

¹ Netativismo definido segundo Di Felice: “A expressão net-ativismo é uma construção linguística que deve ser compreendida como um oxímoro, composta pelo prefixo “net” e pela palavra “ativismo” e é utilizada para indicar este novo tipo de interação que através das redes digitais conecta diversos membros. Disponível em: <https://www.massimodifelice.net/cpia-de-epistemologia-reticulares>. Acesso em outubro de 2020.

coletiva (LÉVY, 1999) e o caráter de cocriação e coautoria de conteúdos como um potencial positivo para alunos, professores e comunidade quando utilizados para a produção colaborativa em torno de temáticas sociais que contribuam para a construção de identidades sociais

Seria conveniente dissociar radicalmente os conceitos de indivíduo e de subjetividade. Para mim, os indivíduos são o resultado de uma produção de massa (...) Freud foi o primeiro a mostrar até que ponto é precária essa noção de totalidade de um ego. A subjetividade não é passível de totalização ou centralização no indivíduo. Uma coisa é a individualização do corpo. Outra é a multiplicidade dos agenciamentos da subjetivação: a subjetividade é essencialmente fabricada e modelada no registro social (GUATTARI, 2000, p. 31).

Fundamentamos a análise e proposta do *blog* para a educação social com foco no empoderamento, tal como é entendido dentro da discussão freiriana (1986), que o diferencia pelo seu caráter coletivo e social e não como uma conscientização individual:

A questão do empowerment da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isto faz do empowerment muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta (FREIRE & SHOR, 1986, p. 72).

Assumimos a identidade como processo de interação entre os sujeitos e o mundo social, ou seja, elementos diversificados, instáveis, inacabados que, pela *reflexividade* (GIDDENS, 1991), ocorrem nas práticas sociais e são acentuadas pelas redes de informação e conexão. Defendemos que a educação e educadores devem contribuir para esses processos utilizando os meios com que trabalham para que essas identidades sejam refletidas local e globalmente.

O tema mulher, feminismo e feminista são válidos para o netativismo, mas antes de se concretizar como tal, é necessário ter claro que a identidade feminina não é fixa, é mutante, depende de quem faz parte da rede e quem é o interlocutor. “A tarefa de um construtor de identidade é, como diria Lévi-Strauss, a de um *bricoleur*, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão...” (BAUMAN, 2005, p. 55).

É importante ressaltar que toda educação é um processo de conscientização, em tese, política — como defendia Paulo Freire —, por isso, a identidade se reconstrói pela *reflexividade*, acentuada na contemporaneidade pela possibilidade de quebra das tradições devido ao contato reflexivo com as informações. “[...] isto significa que a trajetória do desenvolvimento social está nos tirando das instituições da modernidade rumo a um novo e diferente tipo de ordem social” (GIDDENS, 1991, p. 56). Se há, para Giddens, a formação de uma nova ordem pelo alto grau de reflexão, a educação deve acompanhar e até mesmo estar à frente em dar condições para o desenvolvimento da autonomia e reflexão, que levem os jovens a novas experiências e questionamentos, como o que trazemos aqui com relação às identidades do feminino.

Souza Neto (2010) mostra que o educador social tem a capacidade de intervir pedagogicamente na sociedade, mediando relações de modo a abrir perspectivas de desenvolvimento individual e social. Ele abre espaço a uma capacidade criativa em uma realidade multiforme, contraditória e desafiadora.

Refletir sobre a educação social requer uma compreensão da ontologia do ser social. O ser humano não pode se reduzir a uma coisa ou a uma mercadoria. De modo algum é um objeto passivo, um mero receptor de informações e comando. A subjetividade e a capacidade de sonhar escapam aos planejamentos burocráticos e aos aprisionamentos absolutos. A vocação do sujeito é para a convivência, o diálogo, a liberdade, a criatividade, o aprender a lidar com o contexto social (SOUZA NETO, 2010, p. 3).

Nas próximas linhas, apresentaremos algumas possibilidades que nos auxiliem a repensar os lugares da escola, da escola expandida. Indicaremos como utilizar o *blog* e a criação compartilhada de conteúdo para motivar as alunas a entender o seu papel na sociedade contemporânea e a utilizar as novas tecnologias como ferramentas não só de comunicação, mas de troca de conhecimento e construção do aprendizado e do autoconhecimento.

Ferramentas de educação: como utilizar o blog

A pesquisa tratou sobre o tema do feminismo e ativismo tendo o *blog* como suporte virtual de comunicação, armazenamento e compartilhamento. Consideramos que a inserção do *blog* no contexto escolar pode ser fundamentada na educação social, pois entendemos que esse recurso virtual colabora na comunicação, organização de grupos identitários e disseminação de temáticas e lutas; pode ser uma área de intervenção dentro do contexto da cibercultura, pois “A educação social busca desenvolver no sujeito a politicidade como uma habilidade humana de saber pensar, agir e intervir na busca de espaços de autonomia individual e coletiva” (SOUZA NETO, 2010, p. 23).

Um dos estudos realizados em pesquisa de doutorado foi a defesa de que os ambientes escolares, formais ou não, devem se tornar um território expandido, ou seja, “escola expandida” (HARDAGH, 2004). A escola não pode estar constituída apenas pelos atores tradicionais, professor (a) e aluno(a); deve incluir outros sujeitos que podem contribuir com a formação do estudante como sujeito político, autônomo, criativo e consciente de seu papel na sociedade. Nem sempre o currículo formal e os docentes, com suas atribuições excessivas, conseguem desenvolver novas habilidades e o *blog* pode ser um suporte pedagógico para auxiliá-los — e também auxiliar os alunos. A ideia está em formar redes sociais — comunidades virtuais abertas, que a colaboração sustenta e diferencia, com conteúdo construído no coletivo, em diálogo com o currículo escolar.

Lévy (1999) concebe o ciberespaço como uma esfera de maior interação, onde o conhecimento e a informação são resultado de uma atividade coletiva, de um acesso mais diversificado, de uma riqueza criacional, já que pessoas do mundo todo podem co-agir e cocriar. Estabelecemos o diálogo entre Giddens (1991) e Lévy (2003), pois para o primeiro a “natureza situacional das interações sociais”, o tempo e espaço em que ocorrem as interações, são fundamentais para o tipo de experiência social e subjetiva modernas e as reflexões que levam à construção e reconstrução de identidades.

No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva (LÉVY, 1999, p. 158).

O *blog* vem do termo *weblog* (que seria diário de bordo *online*); também guarda uma enorme proximidade com os diários de papel tão comuns há décadas. A mudança do diário de papel para o diário virtual é analisada por Sibilia (2008) como uma consequência das mudanças nas esferas pública e privada e a presença da subjetividade na identidade do ser humano.

Para a autora, o que constitui o ser humano como sujeito histórico e singular, mesmo partilhando o mesmo universo e certas características comuns com seus contemporâneos, é a subjetividade que se encontra dentro dele. Esse modo de ser e de estar no mundo. Mas essa característica não é apenas intrínseca, algo imaterial que reside no homem, é algo também embebido em uma cultura intersubjetiva. Ou seja, nossa subjetividade não vem só por meio de nossa personalidade, mas da nossa interação com os outros e com o mundo.

Para Richardson (2006), a rede está cada vez mais interconectada e um número crescente de pessoas está tendo acesso à Internet como fonte de conhecimento. Esse acesso não é apenas para receber o conhecimento, mas também permite a criação e a contribuição para o conteúdo. Como mostra o autor, essa nova configuração é uma oportunidade para repensar o ensino e a estrutura curricular que entregamos aos alunos.

Neste trabalho, nos concentramos na utilização do *blog* que, por ser uma plataforma multimídia, permite o uso de texto, imagens, áudios, vídeos e gráficos. O educador precisa entender o seu potencial educacional, pois os alunos a estão usando cada vez mais dentro e fora da sala de aula e temos inclusive a profissionalização do *blogueiro* em várias áreas. Ao utilizamos a linguagem deles e mostrar nossa familiaridade com sua forma de comunicação, conseguimos alcançar uma maior participação e engajamento de grupos identitários, como as mulheres ativistas. *Games*, *podcasts* e *blogs* são algumas das linguagens possíveis para que o estudante se sinta mais à vontade e interessado em compartilhar e criar conhecimento em conjunto.

O *blog* é escolhido por Richardson (2006) por ser uma plataforma de simples execução e com múltiplas funções. No caso do *blog* como plataforma de educação e compartilhamento de conhecimento produzido em colaboração com os alunos, o autor sugere quatro possibilidades: a primeira é como um portal da turma, com instruções, notícias e informações sobre as aulas, atividades e alunos. Uma segunda opção seria como um painel de discussões

ou um fórum moderado pelo educador, em que os alunos possam expressar dúvidas, participar em debates e comentários sobre temas apresentados em sala de aula ou assuntos relacionados.

Para o autor, quando utilizamos o *blog* apenas para postar informações, como um mural eletrônico, não estamos permitindo o real potencial de conexão e colaboração da plataforma. Um formato interessante é a abordagem de um ou mais assuntos em diferentes linguagens, como imagens, infográficos, texto, *podcasts* e vídeos, por exemplo. Quanto ao conteúdo, temos também a possibilidade de, por meio do hipertexto, oferecer *links* a outros *blogs* que ajudem na nossa compreensão sobre o tema.

A criação de um portfólio eletrônico, é a terceira via para utilizar o *blog* como escola expandida (HARDAGH, 2004), que permite aos alunos compartilhar trabalhos e atividades extracurriculares. Esses arquivos podem ter o acesso liberado para outras turmas ou não e podem permitir comentários e contribuições de outros colegas de turma.

Os três primeiros casos são mais de divulgação e compartilhamento, mas não demandam uma cocriação tão aprofundada como a quarta opção: a criação de um âmbito colaborativo. O *blog*, alojado no ciberespaço, transcende a sua função de publicador de conteúdo, pois alinhado à cibercultura, é propício para a interatividade e potencializador da inteligência coletiva (LÉVY, 2003, p. 28); é “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”, “é o reconhecimento e o enriquecimento mútuo” daqueles que se envolvem nessa experiência de conexão.

Uma ideia é mudar a percepção que se tem dos alunos como meros consumidores de conteúdo, apenas leitores, para oferecer-lhes a oportunidade de se tornarem editores, colaboradores e escritores. Ao trabalhar uma estrutura multimídia e de hipertexto, saímos da tradicional estrutura cognitiva sequencial e linear para uma percepção de estruturas paralelas, em rede, com diferentes possibilidades de conexão.

Entre o público e o privado: cuidados em tempos de cibercultura

Estudamos o *blog*, entre outras redes, por sua longevidade, sua característica multimidiática, sua proposta interativa e por sua fácil criação e manutenção, pois não se requer conhecimentos aprofundados de programação ou computação para desenvolvê-lo e publicá-lo. *Blogs* são espaços colaborativos, permitem links para outras páginas, *podcasts* e vídeos e podem ainda ter a função de arquivos *online*.

Alguns cuidados devem ser tomados. Um é a questão da proteção da privacidade dos estudantes, que também deve ser considerada e debatida. Como geralmente são menores de idade, é necessária a autorização dos pais para a divulgação de imagens e a abertura do *blog* para a *blogosfera* em geral — caso não seja esta a proposta, o *blog* pode ser visível apenas para o professor, os alunos e pessoas autorizadas. Além da permissão dos pais, caso o *blog* seja público, se sugere usar nomes fictícios para não identificar os alunos e deve-se evitar a divulgação de endereços, seja da escolha ou de pontos de interesse.

A escolha sobre tornar o *blog* público ou mantê-lo privado vai influenciar na interatividade e *feedback* de outras pessoas. A possibilidade de comentar (uma característica identitária do *blog*) pode ficar restrita para colegas de escola e colaboradores ou pode ser aberta para os demais membros da comunidade. Neste caso, não existe certo ou errado, se faz necessário o esclarecimento acerca dos objetivos de uso da ferramenta, para assim, decidir a proposta do *blog* e os envolvidos no projeto. Richardson (2006, p. 17) destaca duas percepções que estão no cerne do *blog* como ferramenta educacional: a facilidade de escrever para a web e a existência de uma audiência para as nossas ideias. Para o autor, é algo poderoso poder compartilhar ideias e conhecimentos facilmente, com uma audiência que está disposta a trocar sugestões e trazer *feedbacks*.

Ao permitir a expressão pessoal e estética de seus usuários, o *blog* atua como construtor de identidade. Como explica Erickson (1996), essa possibilidade de conexão e interação é uma abertura para utilizar o conhecimento social acumulado na construção de uma identidade pessoal e coletiva.

O uso do *blog* como ferramenta para uma educação compartilhada e criativa é comum nos projetos apresentados, mas cada um tem seu formato. Por serem escritos por pessoas e para pessoas, comportam uma questão subjetiva das experiências vividas, da bagagem trazida

e do objetivo da sua criação. Alguns *blogs* podem ter a função de debate, enquanto outros são apenas zonas de publicação de conteúdo trazido pelo professor ou de trabalhos apresentados pelos alunos.

Sibilia (2008) explica que essa cultura do *blog* reflete o funcionamento do mercado cultural contemporâneo: a ideia de captar qualquer “criatividade bem-sucedida” e transformá-la em mercadoria. No século XXI, com a privatização dos espaços públicos, aumenta a “publicização do privado”, a admiração pelas celebridades e a incitação à visibilidade, que estimula as pessoas a se mostrarem. Esse contexto faz com que a subjetividade antes interiorizada, passe a ganhar novas versões, como as postagens em *blogs* e redes sociais.

A seguir, apresentamos três estudos de caso para exemplificar o *blog* como lugar de empoderamento feminino e sororidade empreendedora, como plataforma com função de criar uma comunidade para educadores e como espaço de comunicação compartilhada e cocriação feita por mulheres para mulheres.

Estudo de caso 1: Sororidade Empreendedora

Oferecer um espaço de conhecimento compartilhado e de empoderamento feminino é o objetivo do *blog*² da Ingrid Baquit, que tem como foco o tema do empreendedorismo feminino. Teve seu primeiro *post* publicado em 2019, mas passou por uma reformulação no mesmo ano, pois mudou seu *layout* para uma aparência mais dinâmica e profissional e está republicando todos os *posts* (também pela necessidade de atualização de alguns conteúdos).

Despertar a autoconfiança, desenvolver a comunicação de qualidade e consolidar a sororidade empreendedora são os três pilares apresentados pela autora para o trabalho que realiza e que norteiam seu propósito. E continua:

Queremos mulheres confiantes, que vejam no empreendedorismo uma escolha, não uma necessidade. Queremos mulheres com autonomia financeira, que tenham orgulho do trabalho, que entregam, que amam o que fazem! Queremos negócios transformadores e apaixonantes. Queremos o empreendedorismo como estilo de vida. Queremos compreensão e apoio. “Não, nós não brincamos de trabalhar”.

² Disponível em: <https://ingridbaquit.com/blog/>. Acessado em: novembro, 2019.

Horário flexível não nos faz menos profissionais. Nos faz mais humanas e livres. Transformadoras.³

Entre os assuntos dos posts estão: o que é branding e como utilizá-lo no seu negócio, criação de nicho de mercado para estudo de público, uso de redes sociais para divulgar um negócio, criação de conteúdo para gerar relacionamento com clientes, entre outros. A proposta do *blog*, além de divulgar o trabalho de consultoria da autora, é ser um espaço de conhecimento e informação para mulheres que querem empreender ou potencializar negócios, mas não podem investir em um curso ou em um acompanhamento individualizado.

O software escolhido foi o *WordPress* pela possibilidade de personalizar um *blog*, que demanda pouco conhecimento informático, com uma aparência de página mais profissional, como um *site*, e não como um *blog* padrão. Uma página com formato de *blog* costuma ter os posts publicados logo na página inicial. Além dos textos, a página inicial apresenta ainda uma pequena biografia da *blogueira* (ou *blogueiro*) com foto. Na lateral direita ou na barra inferior, estão os *links* para os demais posts na opção de arquivo e a possibilidade de busca por palavras-chave, as *tags*.

Um *blog* com caráter profissional costuma apresentar uma primeira página institucional. Ela também é chamada de *Home* ou *Landing Page* e conta com informações sobre o diferencial da empresa ou da marca, e *links* para as demais redes sociais. Ele passa a ter a função de portal e não apenas de plataforma de conteúdo. O *blog* como plataforma é de fácil criação e manutenção contínua, o que muda é sua funcionalidade e sua aparência. Chamamos de *site* não pela programação, mas por trazer uma maior variedade de páginas, entre elas contato e depoimentos, por exemplo, e por ter um caráter mais institucional e não pessoal.

Apesar das diferenças visíveis, a interatividade e a facilidade de manutenção são comuns a todos os tipos de página criadas por plataformas como *WordPress* — destacamos também os programas *Blogger* e *Wix*.

A formação para o empreendedorismo das meninas em idade escolar, entender seu papel na sociedade — identidade — pode ter a mediação das redes sociais; não é necessário

³ <https://ingridbaquit.com/sobre/>. Acessado em nov. 2019

um conteúdo curricular, pois as trocas de informação em rede podem ser classificadas como currículo flexível, construído pela mediação e interatividade.

Estudo de caso 2: Comunidade para blogueiros e educadores

Para que um educador consiga utilizar o *blog* como ferramenta para seus alunos, é importante que ele tenha um certo conhecimento ou familiaridade com suas funcionalidades e possibilidades. Com o objetivo de difundir o uso dos *blogs* e divulgar seu software, a WordPress criou uma comunidade digital para professores e interessados. A *Edublogs*⁴ é um espaço para dividir conteúdo com os educadores e criar *blogs* de maneira gratuita ou paga. Por serem da WordPress, os *blogs* são intuitivos e não demandam grandes conhecimentos de informática para serem criados e mantidos, além de serem responsivos, isto é, podem ser abertos em tablets e celulares com a mesma qualidade e unidade estética do computador.

É possível escolher entre vários temas e o professor pode personalizar a aparência, criar os *posts* e inserir mídias. A versão paga — onde é necessário adquirir a hospedagem e o domínio e investir um valor determinado ao ano — traz a opção de criar perfis para os alunos, possibilitando que eles participem do *blog* com autonomia para publicação de conteúdo. Mesmo assim, o professor monitora e autoriza a publicação antes de ir ao ar.

Além da plataforma, a comunidade conta com *blog*, *posts* para potencializar e tirar dúvidas sobre sua utilização. Os textos tratam sobre assuntos como a forma de criar conteúdo acessível para os alunos, de usar uma lista de *e-mail* para conectar os *posts* atualizados com a caixa de entrada dos participantes.

Estudo de caso 3: plataforma de comunicação colaborativa

*Mulheres na Ciência*⁵ é um espaço *online* com o propósito de somar, trocar e crescer. Além da revista eletrônica⁶, que lançou sua primeira edição em 2019, o projeto conta com um *blog*, mulheresnaciencia.com.br. De acordo com o site, “é um espaço para mulheres cientistas contarem suas histórias e discutirem sua posição no mundo científico do ponto de vista feminino. É a revista eletrônica que gostaríamos de ter lido no começo de nossas carreiras, e

⁴ Disponível em: <https://edublogs.org/>. Acessado em nov. 2019.

⁵ mulheresnaciencia.com.br/ Acessado em nov. 2019.

⁶ https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/d1_revista.pdf. Acessado em nov. 2019.

que pretende se tornar uma referência de cultura para todas as mulheres que são apaixonadas por Ciência; feita por nós, para nós”⁷.

O projeto nasce no fim de 2016, criado pela bióloga Rafaela Falaschi para reunir mulheres cientistas e debater temas variados: divulgar pesquisas, discutir sobre temas afins, troca de experiências, solução de dúvidas e até desabaços sobre as dificuldades de ser uma cientista mulher no Brasil. Atualmente o grupo possui mais de duas mil mulheres atuando em diversas áreas do conhecimento.

O site surgiu como uma extensão do grupo do Facebook, “sem panelinhas, e um lugar seguro para abrigar diversos tipos de informações que nos interessem”⁸ e ser uma alternativa para a carência de periódicos *online* e impressos sobre a participação da mulher na ciência. Além de textos, as pesquisadoras usam o caráter multimídia do *blog* para criar também vídeos e *podcasts*. Para manter o caráter colaborativo, está disponível o convite para novos conteúdos e novas editoras.

O projeto divulga e compartilha ações, projetos e materiais para meninas e mulheres, está composto pelas seções de notícias, histórias inspiradoras, divulgação científica, oportunidades e entrevistas. A curadoria é feita por outras cinco pesquisadoras: Laura Rocha Prado, doutora em zoologia; Agnes Takeda, doutora em Genética; Ana Bomtorin, mestre e doutora em Genética; Hingrid Quintino, doutora em Sistemática, Taxonomia Animal e Biodiversidade; Mariana Galera, doutoranda em História da Ciência e Museologia, além de colaboradoras e voluntárias que são da comunidade e enviam seus textos, na forma de relatos, trajetórias, desabaços e divulgação científica.

A revista inspira meninas e outras mulheres para consolidar a valorização das mulheres na ciência, traz experiências e relatos pessoais, compartilha histórias. Laura Prado define: “Não falamos apenas sobre os aspectos profissionais de se trabalhar em Ciência, mas também permitimos que as mulheres contem sobre as emoções de ser uma minoria em um ambiente muitas vezes hostil”.

⁷ mulheresnaciencia.com.br/sobre-o-site/. Acessado em nov. 2019.

⁸ mulheresnaciencia.com.br/sobre-o-site/. Acessado em nov. 2019.

A utilização do blog como plataforma de educação criativa e compartilhada

Podemos destacar, entre outras competências do pedagogo social, o exercício de reflexão crítica e comprometida, a capacidade para resolver problemas e o protagonismo no campo social e educativo. Em uma perspectiva crítica o educador social, além de possuir domínio técnico-pedagógico específico, pode ser considerado como um profissional do sentido da transformação social e da emancipação humana. Nesse sentido, sua função de socializar o indivíduo, numa época de extremado individualismo, é muito relevante.

Uma teoria crítica do conhecimento, fundamentada na antropologia (ser humano inacabado, incompleto, inconcluso) afirma que somos programados para aprender. Por isso, a importância das condições de aprendizagem: ênfase nos processos e não nos resultados. Não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas; mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados. Mudar o mundo depende de todos nós; é preciso que cada um tome consciência e se organize. Educar para outros mundos possíveis é educar para superar a lógica desumanizadora do capital, que tem no individualismo e no lucro seus fundamentos, é educar para transformar radicalmente o modelo econômico e político atual, para que haja justiça social e ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou estudar como novas ferramentas podem ser aplicadas na educação social de forma eficiente. O importante é entender como se dá a dinâmica, já que é uma plataforma nova e a cultura digital ainda é recente na nossa sociedade. Por ser assim — os *blogs* começaram a se destacar em 2001 nos EUA —, ainda não se têm estudos conclusivos sobre como essa realidade virtual pode afetar as relações.

Hoje, há pessoas que têm uma relação mais forte com alguém que só conhece pela Internet do que com seu vizinho. No caso de *blogs* escritos por mulheres, por exemplo, temos novos relacionamentos de amizade, onde se podem trocar confidências, ideias e trabalhos com mulheres nunca vistas pessoalmente, apenas por foto ou pelo Skype. Essa falta de contato diminui a potencialidade e a força desse elo?

Para as alunas, o *blog* vem a ser um lugar de expressão, de divulgação do trabalho, de pesquisa e de ideias. Uma oportunidade de troca e de debate onde elas podem ser ouvidas, podendo ajudar no autoconhecimento e no empoderamento. Quando promovemos a sororidade, percebemos uma maior participação de mulheres em espaços públicos e de referência, como na vida empreendedora, na sala de aula e na pesquisa. São os exemplos que mostram a meninas e mulheres que é possível chegar lá.

No caso do conhecimento compartilhado e aprendido via *blog*, como podemos garantir que houve uma associação do conteúdo por parte do internauta? A pergunta é válida porque o professor não consegue observar as reações dos alunos. Por outro lado, o fato de aprender via Internet permite um maior alcance dessa troca, desse aprendizado. A Internet torna possível o acesso e a presença de uma pessoa em uma comunidade à qual não teria como chegar de outra maneira, e isso faz diferença em um determinado momento de sua vida.

Além do *blog*, temos outras ferramentas, como *podcasts* e *wikis*. Mesmo que o educador escolha não as utilizar, é importante entender o seu potencial já que os alunos as estão usando, cada vez mais, dentro e fora da sala de aula. O *blog* é uma plataforma de fácil criação e manutenção, que permite uma maior interatividade entre os participantes e variadas formas de comunicação como vídeos, textos, fotos e áudios.

Entender como será esse processo é de extrema importância, mas isso pode levar tempo. Por enquanto, valorizamos as possibilidades que a Internet traz, a riqueza de uma comunidade mesmo que virtual, o conteúdo compartilhado, a linguagem mais humana e a interface mais simples do *blog*, mas sem deixar de lado nosso senso crítico, pois nenhuma tecnologia é perfeita e todas têm algo a melhorar.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ERICKSON, Thomas. The world wide web as social hypertext. **Communications of the ACM**, v. 39, n. 1, p. 15-17, Jan. 1996. <https://doi.org/10.1145/234173.234174>

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. In: CONGR. INTERN. PEDAGOGIA SOCIAL, 4, 2012, São Paulo. **Anais [...]**, v. 2. São Paulo: UNICAMP, 2012. Disponível em: www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v2/13.pdf

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

HARDAGH, Claudia. **Redes sociais virtuais**: uma proposta de escola expandida. 2009. 157 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

RICHARDSON, Will. **Blogs, wikis, podcasts, and other powerful web tools for classrooms**. Califórnia, EUA: Corwin Press, 2006.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

SOUZA NETO, João Clemente. Pedagogia social: A formação do educador social e seu campo de atuação. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, v. 32, jul./dez. 2010. DOI: <https://doi.org/10.22535/cpe.v16i0.4404>

Blogs visitados

INGRID BAQUIT. 2019. Disponível em: <https://ingridbaquit.com/blog/>. Acessado em nov. 2019.

EDUBLOGS. 2020. Disponível em: <https://edublogs.org/>. Acessado em nov. 2019.

MULHERES NA CIÊNCIA. 2020. Disponível em: mulheresnaciencia.com.br/. Acessado em nov. 2019.

Recebido em: 06/02/2020

Parecer em: 25/03/2020

Aprovado em: 25/03/2020